

3ª PARTE

POESIA

O Morto

Em meio à sala,
indiferente ao
ruído do velório,
jaz o morto no caixão
no qual reluz
o brilho do latão.

Cabelo liso,
sem um só fio rebelde,
o rosto sereno
próprio das horas graves.

O nariz adunco mira
o bigode aparado
sobranceiro à boca,
linha fina entre
lábios imóveis.

A camisa alva
como a morte,
gravata de tom neutro
que vai à festa e enterro.

Terno escuro
das ocasiões solenes,
mãos lívidas
cruzadas sobre

o peito inerte.
Sapatos pretos
de bicos polidos
e solas virgens
calçam os pés cansados
do caminho.

O ritual da morte
cobra figurino austero,
o silêncio do defunto
escuta a despedida saudosa
do viajante que não torna.

Na memória dos que
ficam esse morto
está vivo.

Mais que certos vivos
Que há muito estão mortos.